



Vol. 33, nº 2 (2026)

**A MÚSICA COMO ESPELHO DA ALMA EM “TOADA DO ESQUECIDO”, DE
RICARDO GUILHERME DICKE**

**MUSIC AS A MIRROR OF THE SOUL IN “TOADA DO ESQUECIDO”, BY
RICARDO GUILHERME DICKE**

Vera Rizzo Werner¹
Hélvio Gomes Moraes Junior²

Recebimento do texto: 25/02/2026

Carta de aceite: 14/03/2026

Resumo: A música transfigurada em corpo e som rege esta reflexão no desvelar-se e velar-se do homem pelas imensidões do ser(tão). As melodias são os fios condutores das reflexões existenciais, pois, mesmo no silêncio das personagens, conduzem e revelam os enigmas da narrativa. É a toada que revela um percurso imerso em sons, silêncio e solidão que entrelaça este estudo e nos instiga a compreender a estrutura narrativa da canção “Toada do Esquecido” (2006) no livro *Toada do Esquecido & Sinfonia Equestre* (2006), de Ricardo Guilherme Dicke, como elemento primordial para pensarmos os sentidos produzidos pelo sonorizar e o não sonorizar o que dá ritmo ao enredo. Diante dessa proposta, toma-se como principal embasamento teórico os conceitos definidos por Antonio Candido, Maurice Blanchot, Octávio Paz, entre outros que corroboram na tentativa de compreender o homem em sua toada, que é ao mesmo tempo sons e silêncios.

Palavras-chave: Ricardo Guilherme Dicke. Toada. Sons.

Abstract: The Music transfigured into body and sound, governs this reflection in the unveiling and veiling of man by the immensities of being(so). The melodies are the guiding threads of existential reflections, because even in the silence of the characters, they lead and reveal the enigmas of the narrative. It is the toada that reveals a journey immersed in sounds, silence and solitude that intertwines this study and encourages us to understand the narrative structure of the song “Toada do Esquecido” (2006) in the book *Toada do Esquecido & Sinfonia Equestre* (2006) by Ricardo Guilherme Dicke, as a primary element for us to think about the meanings produced by sounding and not sounding that gives rhythm to the plot. In view of this proposal, the main theoretical basis is the concepts defined by Antonio Candido, Maurice Blanchot, Octávio Paz, among others, which corroborate the attempt to understand man in his tone, which is at the same time sounds and silences.

Keywords: Ricardo Guilherme Dicke. Toad. Sounds.

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Tangará da Serra-MT. E-mail: vera.rizzo.werner@unemat.br

² Doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Tangará da Serra-MT-MT. E-mail: helvio.moraes@unemat.br



1 Considerações Iniciais

Suntuosidade estranha da música. Ou apenas ilusão, música de si mesmo, dos seus íntimos onde dormem e repousam os foros da substância dos sonhos, a ilusão de quem ouve música, essa música longínqua que vem se aproximando dos redemoinhos de horizontes perdidos na distância? Vem de tão longe, de tão longe perdidamente.
(Ricardo Guilherme Dicke)

“Toada”, metáfora para o desvelar e o velar do homem dickeano em busca de si, que orchestra o ritmo da vida, o caminho para encontrar-se ou perder-se, transcende a imensidão do ser e estar no mundo. A toada representa um percurso imerso entre tradição e modernidade. Nesse entremeio, a produção literária de Ricardo Guilherme Dicke marca historicamente as transformações ocorridas em Mato Grosso durante o período de colonização. Suas obras, de maneira geral, traçam esse percurso em paralelo com o avanço da modernidade, por isso apresentam as inquietações, as angústias, as incertezas do homem e da vida, a solidão.

O autor reflete um mundo contemporâneo, caracterizado pelas transformações que ocorrem em ritmo acelerado e impactam a vida humana nos mais diferentes aspectos. Em Dicke, esses aspectos são evidenciados como crítica à ascensão da globalização, que denota a exigência de controle do tempo. Não por acaso, encontramos reiteradamente referências ao relógio, fruto do capitalismo, que dilacera e condena os que não se adaptam a ele, ao silêncio, ao esquecimento. Nesse toar, almejamos compreender como a musicalidade, como espelho da alma, na narrativa do conto “Toada do Esquecido” (2006), de Ricardo Guilherme Dicke, contribui para repensarmos o caminho na constituição do homem contemporâneo em busca de si.

O conto narra a toada paradoxal de um grupo de fugitivos, que dissolve as subjetividades na junção entre musicalidade/silêncio e vida/morte, à semelhança do que ocorre com os sacos de ouro em pó ao longo da jornada dos fugitivos. Desse modo, empreendemos nessa reflexão as relações estabelecidas entre a literatura e os elementos sociais definidos por Antonio Candido na obra *Literatura e Sociedade* (2006), na qual expõe a relação entre texto e contexto, reiterando que as obras literárias devem ser analisadas através da interpretação dialética entre os dois aspectos. O autor ressalta ainda que o externo



(social) importa não como causa ou significado, mas na função que exerce na constituição da estrutura da obra, ou seja, o que o torna interno.

Nessa perspectiva, a produção literária de Dicke faz com que o leitor visualize a representação humana como um percurso, instigando no ser do leitor a ânsia em embrenhar-se no texto literário como algo vivo, pois como elucida Candido (2006, p. 84), “a literatura é um sistema vivo de obras, que agem umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a”. Assim, a musicalidade no texto literário de Ricardo Guilherme Dicke transcende as representações humanas, institui seu próprio tempo e espaço e, ao se entrecruzar com as experiências vividas, torna-se a poética da vida.

Em “Toada do esquecido” (2006), o espaço é o sertão de Mato Grosso, que surge na narrativa como referência da tradição cultural, da pureza perdida pelo processo de modernização, que transforma não só a paisagem, mas também os costumes e a cultura. Na construção do enredo, Dicke coloca o espaço do sertão em contato com a modernidade através de inúmeros elementos, mas a referência ao rádio de frequência universal e ao galo exercem papéis fundamentais na narrativa, pois a partir deles se constroem as relações entre a cultura tradicional e a moderna que ultrapassam o espaço exterior e adentram o interior das personagens.

Nesse processo, o Eu se depara com questões que vão além do sertão de Mato Grosso, assumem a universalidade, ao passo que o leitor se funde aos personagens, sentindo as coerências e incoerências da condição trágica do viver, do morrer, das aflições e das profundezas da solidão, e das melodias que o envolvem, passando, assim, a se reconhecer nelas. Pois, Dicke nos revela o transitar, a mudança de impressões causadas pelo jogo de consciência, que se busca analisar em indivíduos definidos pelas relações profundas, precárias, mas essenciais. Nessa perspectiva, a modernidade, a globalização, traz, segundo Dicke (2006, p. 11), um mundo de ilusões:

– Fabulosos, rodopiantes mundos da ilusão! A gente vive no mundo da sedução: [...] nas rádios vozes ciciantes que sussurram no mundo da sedução, de manhã à noite e da noite à manhã: vozes que cantam irresistivelmente, envoltivamente a não poder mais: este é o mundo da sedução e da ilusão em que vivemos metidos até o pescoço [...].

Diante desse mundo ilusório, o homem ou a sua posição é o caminho escolhido por Dicke para escancarar indagações sobre o tempo, construído na sonoridade, nas melodias



que desvelam e velam um tempo interior e exterior sem horas, que só nos possibilita apreender o instante, pois “as horas morrem uma a uma no escuro ninho do deserto do Tempo” (Dicke, 2006, p. 121). Desse modo, a realidade nos impõe os sons do tempo e nos faz ver que o relógio é a metáfora moderna da vida, passa e só nos damos conta quando ele está parando. É o que Dicke nos revela, devemos reconhecer o tempo e suas condições, mas nunca nos habituar a eles. Precisamos adentrar seus limites e suas figurações na tentativa de compreender seus enigmas e de transcender a realidade, a dor, a solidão, assim,

alguém procurou outra emissora porque aquela estava eternamente embaçada, mergulhada nas notícias, e eles queriam música e ninguém queria oferecer música ao triste mundo que precisava tanto de música, um pouquinho de música, só um pouquinho, uma música, mas boa música (Dicke, 2006, p. 29).

A busca incessante por música não é apenas a tentativa de fugir da solidão, mas a ânsia em encontrar sentidos para o mundo que nos cerca e, assim, no diálogo singular em silêncio, nos encontrarmos, para depois encontrarmos o outro. A trama sonora que constitui a narrativa conduz as indagações e nos leva a compreender a condição do Ser inserido num ambiente que condiz com o seu “Eu” devastado, morto, e instiga em nós os mesmos questionamentos dos personagens. É como se estivéssemos dentro da narrativa e fôssemos a próxima vítima da contemporaneidade, visto que a tensão e a intensidade do conto provocam a reflexão sobre a morte do tempo cronológico, da precisão, da necessidade física e material.

Nos labirintos metafóricos do rádio, dos relógios parados, do galo, a maioria dos personagens de Dicke matam o tempo, para fugir de suas exigências, do peso da existência, deles próprios. É o que enfatiza Heidegger (2011, p. 137): “nós nos defendemos contra o curso do tempo que está ralentando e que é para nós lento demais: contra este curso do tempo que nos mantém presos ao tédio, contra essa irresolução e hesitação peculiares do tempo”. Diante de tal pensamento, podemos perceber que, em Dicke, os significados e sentidos do tempo presente concentram a contemporaneidade, a mola propulsora das buscas infindáveis. As relações estabelecidas por Dicke entre o sertão e a modernidade são marcadas por acontecimentos com trilhas sonoras tensas e constantes que regem a narrativa e se atrelam ao destino das personagens, como se percebe no excerto:

No rádio música: e todos dormem rugindo ondeando os sonhos: finalmente música. *Werklaerte Nacht* (Noite transfigurada), de Arnold Schoenberg: o Cavaleiro (ele é o secreto diretor regente de orquestra) se deita perto da porta aberta da Kombi, pega uma ponta da lona do circo e se cobre porque faz frio e fica



olhando o céu baixo e amarelo sobre aquelas montanhas como que de muitos que se restassem após a fuga de uma ilha que se estende infinitamente, depois a música acaba e lá vem falatório, ele desliga e quer saber as horas [...] o galo bate as asas e canta: que horas serão: olha os horizontes, relanceia os olhos: deverá ser já de madrugada, mal calculando. [...] De manhã despertam-se, olham em torno estatelados, arregalados, veem cruzeiros, dormiram sobre um cemitério, mas eles não têm tempo de ter medo. [...] O rádio toca a Toada do Esquecido em partes: [...] os sozinhos, os solitários, os humilhados, os perdidos... (Dicke, 2006, p. 74-75).

A noite transfigurada anuncia e orchestra o destino das personagens no entoar da narrativa; as referências sonoras partem da erudição, permeiam o espaço do sertão e se fundem na canção popular que representa os complexos contornos dos pensamentos, sem começo e sem fim, situando-nos exatamente no “meio”. Somos arrastados por esse toar caótico, que nos provoca a buscar o sentido da vida através da arte de decifrar os sons no melódico (des)caminho.

Além disso, Dicke faz surgir uma escrita errante, emaranhada e enigmática, por vezes, ancorada em caminhos imprecisos, complexos e tortuosos, em que buscar significa aprender, decifrar as imagens, as sonoridades e todas as reflexões feitas pelos personagens em suas travessias. Nesse sentido, Dicke nos coloca, a todo momento, numa encruzilhada de pensamentos e sensações, em que as múltiplas vozes nos convidam a construirmos a nossa própria experiência sonora.

2 A musicalidade como travessia

Os (des)caminhos de “Toada do Esquecido” (2006) são como imensas e infinitas melodias, as quais constroem outras melodias. Assim, provocam o pensar sobre o interior e o exterior, transformam-se em inquietação, destruição. A veiculação do rádio automotivo, como uma referência cultural utilizada por Dicke, entrelaça tradição e modernidade, pois eles almejam música para romper com a solidão provocada pelo silêncio desolador das estradas que permeiam o sertão e o interior dos personagens.

Escutam o silêncio: não gosto deste silêncio dos grandes campos carbonizados que nos cercam, detesto o silêncio que jaz enterrado no coração dos homens que dormem, buscarei um pouco de música, dobra-se, alcança o *dial*: busca secretamente sentado no lugar do motorista um pouco de música, algum sinal do mundo, imiscuído talvez de alguma oculta angústia que lhe morde o coração nesta hora de silêncio e solidão... (Dicke, 2006, p. 89).



A relação entre os diversos meios de comunicação, sejam os jornais, as revistas, o rádio ou a televisão, nos expõe a um conjunto de discursos nacionais e internacionais sobre os mais diversos acontecimentos que são apresentados por Dicke (2006) no conto “Toada do Esquecido”,

A gente vive um mundo de sedução: revistas e jornais repletos de insinuações, televisão com mulheres convidando, assim tão sem mais nem menos; [...] nas rádios vozes ciciantes que sussurram no mundo da sedução, de manhã à noite e da noite à manhã; (Dicke, 2006, p. 11).

E na TV e no rádio o homem deitando falação sobre o mundo. É o mundo civilizado ante nossas mãos. (Dicke, 2006, p. 30).

O Cavaleiro ouvindo o locutor falar sobre os políticos franceses [...]. Desarmamento, ordem econômica, relações exteriores, discos voadores, Oriente Médio, etc. [...] agora uma emissora do Equador, de Quito, fala sobre as civilizações perdidas de Tiajuanaco (Dicke, 2006, p. 34).

Ao expor, na narrativa, a propagação de informações com abrangências locais e internacionais entrelaçadas em curtos intervalos de tempo, temos a percepção de que Dicke se refere a um mundo de relações interligadas. Ilustrando a formação de um espaço por ele denominado de “Aldeia global” (Dicke, 2006, p. 30), pautado sobretudo na concepção de consumo de informações, da globalização e da redução do homem a uma “Universal Cumplicidade” (Dicke, 2006, p. 31), ou seja, à aniquilação das consciências pensantes, à alienação reinante.

Dicke (2006) nos mostra que o processo de modernização provocou o encurtamento das distâncias, mas, ao mesmo tempo, instaurou o não pertencimento, arrancou as raízes e provocou no Ser uma ilusão que o conduz à viagem por espaços em que ele, paradoxalmente, procura e foge de si. Os personagens de Dicke estão sempre em movimento, sempre em trânsito. As reiterações utilizadas pelo autor em várias de suas obras nos mostram que seus personagens adentram o sertão por caminhos sinuosos, permeados pelo silêncio, e mesmo quando tentam rompê-lo na procura incessante por música, não é qualquer música, mas sim a erudita, percebemos a presença constante do rádio, que metaforiza essa procura e enfatiza a ilusão, medo e angústia diante das inquietações da vida, como podemos observar no fragmento do conto “Toada do Esquecido”:

Detesto esse silêncio que jaz enterrado no coração dos homens que dormem, buscarei um pouco de música, dobra-se alcança o *dial*: busca secretamente sentado no lugar do motorista um pouco de música, algum sinal do mundo, imiscuído talvez de alguma oculta música que lhe morde o coração nesta hora de silêncio e



solidão, acha uma emissora distante, soviética, aquela das sóbrias e discretas vozes que falam eternamente da luta de classes e do materialismo histórico, que concede um pouco de música: é uma sinfonia de Shostakovitch, estira as pernas sob o painel, abre os braços, afrouxa o corpo, estira as ouças, curva a cabeça sobre a almofada atrás de si e fica a escutar baixinho aquela música que se estende e desenha estranhos signos e símbolos no silêncio (Dicke, 2006, p. 89).

Percebemos a necessidade do personagem diante do silêncio em preencher seu vazio, ensurdecer o palpitar ofegante de seu coração, pois cada batida parece ser a última. O relógio em Dicke (2006) nos leva a refletir sobre o quanto somos funcionários de uma sociedade que nos coloca diante do tempo que não para, do tempo que não permite nos encontrarmos. Nós que sabemos tão bem nos mascarar diante das adversidades da sociedade que nos vende o bem-estar o tempo todo e chegamos a ser o que a sociedade nos impõe, procuramos incessantemente métodos que funcionem e nos guiem como o relógio, colocamos nossa vida em suas engrenagens; por isso, o peso da solidão nos corrói e ameaça o castelo de areia no qual construímos nossa existência.

Em vários momentos nos deparamos com um tempo de horas mortas, isto é bem preciso na literatura de Dicke (2006), ora o relógio congelado, ora os personagens querem saber as horas a todo momento, mas sem nenhum significado no contexto da narrativa que aprisiona nossa existência, esquecemo-nos em nossas lutas diárias, é o que nos informa Octávio Paz no livro *O labirinto da solidão* (1976, p. 184): “na verdade, nossa singularidade — que brota da nossa temporalidade, nossa fatal inserção num tempo que é nós mesmos e que ao nos alimentar nos devora”. O tempo físico que nos limita, intrincado nas ações diárias, revela a cada instante o tempo do homem, da vida, da morte e que Dicke nos revela na figuração de elementos recorrentes em suas narrativas, como o galo que representa no espaço de solidão, o despertar da vida, o anúncio do amanhecer, aquele que espanta as coisas ruins, o Norte dos que se perdem no tempo, o contraste com a figuração do relógio/rádio, objeto que aprisiona o homem, que persegue:

Tudo aqui é lentamente eterno, como tudo o que nos segue e nos persegue, as belas mulheres de vozes tão maviosas que falam na caixa de ressonância do rádio, que nos seguem, que nos acompanham, que nos perseguem para sempre, enquanto nós levamos conosco aquela invenção do diabo que se chama rádio e que nos concede tanto a comunicação como a incomunicação! (Dicke, 2006, p. 95).

Esse contraste nos apresenta um espaço físico que está perdendo os elos com o passado, modernizando-se, assim como os homens que refletem essa mudança no seu ser, esse processo é refletido em ambos como solidão. O canto do galo ultrapassa o espaço



exterior, nos possibilita senti-lo estridente, como observamos no fragmento do conto “Toada do Esquecido”: “O galo canta, bate as asas, seu canto se abre sobre o silêncio dos horizontes que nos vêm de repente enormes” (Dicke, 2006, p. 87). Os personagens sofrem os efeitos do tempo, seja o físico ou o existencial, nesse sofrimento intercalado pelo soar do relógio ou pelo canto do galo, Dicke (2006) nos coloca no cerne da questão “que horas são?” e faz-nos pensar que medimos o tempo, porém sempre nos preocupamos com aspectos exteriores, quando, na realidade, ele é o que somos.

Diante dessa constituição social, na qual os indivíduos são induzidos a substituir as relações interpessoais por uma realidade ilusória, perspectivada pelos sistemas midiáticos de massa que se tornam cada dia mais eficientes em manipulação, ilusão e sedução, assim, percebemos na produção literária de Dicke (2006) que o progresso tecnológico tão almejado, trouxe à modernidade a “produção” de homens sem identidade, sem valores, fragmentados e mergulhados em um abismo existencial de questionamentos sem respostas.

Dicke (2006) nos envolve em um jogo de máscaras e disfarces e faz-nos repensar de forma crítica a condição do homem diante das transformações da contemporaneidade. No desenvolver da narrativa, observamos a apresentação de um homem fragmentado pelas angústias, pelos conflitos, e sem heranças culturais valorizadas, homens órfãos de legado humano, num mundo decadente, repleto de impossibilidades e de solidão.

A representação do espaço exterior, orquestrada ora pelas melodias do sertão, ora pelo silêncio, aprofunda a realidade, que diz o ainda não dito, torna a fala conforme lemos em Blanchot (2011, p. 47), “errante, estando sempre fora de si mesma, [...] assemelha-se ao eco, [...] é o silêncio convertido no espaço repercutente”. Encontramos em Dicke (2006) a conceituação de Blanchot (2011), o silêncio que fala através da busca incessante por música, ao passo que, quando é encontrada, apenas a realça ou, paradoxalmente, dá a impressão ilusória de eliminá-la. Entretanto, Brandão (2013) afirma que é possível tomar o espaço não como supostamente ele é, mas o que ele pode provocar. Assim, na dinamicidade do enredo, verificamos que as intensas melodias, o silêncio e a solidão permeiam a condição humana e revelam sua tragicidade, como podemos observar no fragmento:

É trágica a verdadeira condição do homem: fechado em si mesmo incomunicavelmente, nada pode dizer de si, de seu íntimo, daquilo que se lhe passa no âmago, porque ninguém o entenderá se o disser, até que a morte chegue: só aqui e agora nós entendemos... (Dicke, 2006, p. 33).



O sertão vai além da paisagem, é a representação interior dos personagens, que o configura como uma metáfora da vida. A vastidão interior do homem no enredo de Dicke está carregada de questionamentos angustiantes do ser humano diante da consciência de sua finitude e da infinitude do sertão labiríntico definido por Dicke. O aprisionamento que se constata não é somente a solidão do sertão, mas também a do homem, que ecoa em silêncio, bem como nos sons do sertão que velam e desvelam o homem em sua toada.

3 Considerações finais

O percurso narrativo de Ricardo Guilherme Dicke (2006) embrenha-se na tragicidade da vida contemporânea e nos conduz, através da experiência de silêncio e solidão, ao labirinto musical da realidade, que de modo avassalador espelha a alma humana no espaço e no tempo. Dicke (2006) compõe uma sinfonia de emoções que rege de modo tenso, dramático e angustiante os personagens, e escancara a batalha contínua de Ser e Estar no mundo, que a vida é trágica, mas é necessário seguir e perseguir a música da vida, ainda que imersa em dores e sofrimentos que acometem e isolam o homem em si mesmo numa condição trágica e solitária.

É na sombra da noite e mergulhados na solidão e no silêncio que os personagens refletem sobre o seu ser, ou seu não ser, como preconiza Blanchot (2011, p. 276): “o homem adquire então consciência de si mesmo como separado, ausente do ser, adquire consciência de que recebe sua essência de não ser”. Cada personagem em sua solidão, na sua singularidade, expõe uma condição social, porque, as pessoas são as consequências da maneira como compreendemos o mundo e a nós mesmos e que revelam o poder do não ser, pois, ainda em acordo com Blanchot (2011, p. 276), “os homens afirmam-se pelo poder de não ser: assim agem, falam, compreendem, sempre outros que não são eles e que escapam ao ser por um desafio, um risco, uma luta que vai até a morte e que é história”.

As melodias que envolvem a narrativa são as aberturas de uma experiência arriscada do existir, é o transitar entre o narrar e o silenciar, nos pensamentos e, principalmente, é através da sonoridade que compreendemos os enigmas da narrativa. A toada dos homens esquecidos revela o paradoxo da vida, a busca e a fuga de si e do mundo, esse é o enigma do conto. Aceitar essa incógnita é compreender que, nos caminhos



labirínticos da vida, talvez seja possível nos encontrarmos em nós mesmos, ainda que nas ilusões, no sonho. A música é o devaneio dickeano que está sempre nas anunciações do fim e do início da vida, é a voz do horizonte que ecoa, é a gargalhada das aves noturnas, é o grito do silêncio que se aprofunda e se ramifica ao longo da narrativa, é o espelho da alma do homem do sertão.

A tensão do contraste entre busca e fuga, música e silêncio, vida e morte faz do conto “Toada do Esquecido” um espaço de expressão da tragicidade da vida, um espaço de transgressão. Um sertão que pode ser interpretado como trágico e que reflete a afirmação do mundo, assim, a literatura de Ricardo Guilherme Dicke (2006) é o testemunho do limiar da dor, do limite da vida, da dor de existir, o reflexo da alma.

Referências

BLANCHOT, M. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BRANDÃO, L. A. **Teorias do espaço literário**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte, MG: FAPEMIG, 2013.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

DICKE, R. G. **Toada do esquecido & sinfonia equestre**. Cuiabá, MT: Carlini & Caniato; Cathedral Publicações, 2006.

HEIDEGGER, M. **Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude e solidão**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

PAZ, O. **O Labirinto da Solidão e Post-Scriptum**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.